

# Compreensão de estruturas clivadas na aquisição do português europeu

Maria Lobo\*, Ana Lúcia Santos\*\*, Carla Soares-Jesel\*\*\*  
& Stéphanie Vaz\*

\*FCSH, Universidade Nova de Lisboa

\*\*Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

\*\*\*Université Paris Diderot, LLF

[maria.lobo@fcs.unl.pt](mailto:maria.lobo@fcs.unl.pt), [als@letras.ulisboa.pt](mailto:als@letras.ulisboa.pt), [carla.soaresjesel@linguist.univ-paris-diderot.fr](mailto:carla.soaresjesel@linguist.univ-paris-diderot.fr), [stephanie.vaz@fcs.unl.pt](mailto:stephanie.vaz@fcs.unl.pt)

## Abstract:

This paper investigates the comprehension of three types of subject and object clefts by European Portuguese 4 and 5 year-olds and a control group of adults. We investigated whether there were differences between the three types of clefts (*é que* clefts, standard clefts and pseudoclefts) and whether there were subject-object asymmetries. The results show that the comprehension of subject clefts is easier than object clefts in the two cleft types where intervention effects arise (a DP intervenes between a DP lexically restricted and its trace), but no significant asymmetries were found in pseudoclefts, with no lexical restriction on the wh-constituent.

**Keywords/Palavras-chave:** clefts, comprehension, Portuguese, language acquisition; clivadas, compreensão, português, aquisição da linguagem

## 1. Introdução

Estudos recentes sobre a aquisição de estruturas clivadas têm enriquecido o debate sobre as propriedades sintáticas destas construções, assim como a reflexão sobre a natureza dos processos que determinam o desenvolvimento linguístico das crianças (Lobo, Santos & Soares, 2012; Lobo, Santos & Soares, submetido). Os resultados respeitantes ao português europeu (PE) obtidos até ao presente provêm da análise de dados de produção espontânea ou induzida. Vários tipos de correspondência entre os dois tipos de dados de produção foram destacados. Lobo, Santos & Soares (2012) mostraram que as diferentes estruturas clivadas emergem, na produção infantil, em momentos distintos:

(1) clivadas de *é que* / clivadas canónicas > clivadas de *ser* > clivadas-wh / pseudoclivadas

A ordem de emergência apresentada em (1) foi considerada um argumento suplementar a favor de propostas que defendem que os diferentes tipos de clivadas não são derivados do mesmo modo (Lobo, 2006; Soares, 2006). Os dados de produção apontaram igualmente para a existência de assimetrias entre clivadas de sujeito e clivadas de outros constituintes. As clivadas de sujeito são as mais frequentes na produção espontânea. Do mesmo modo, na produção induzida, as crianças produzem facilmente clivadas de sujeito e evitam a produção de clivadas de outros constituintes (Lobo, Santos & Soares, submetido). Estas assimetrias remetem-nos naturalmente para as assimetrias sujeito-objeto identificadas em diferentes

---

*Textos Seleccionados, XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto, APL, 2014, pp. 301-310, ISBN 978-989-97440-3-5*

estruturas que envolvem movimento A-barra – relativas, interrogativas, construções de topicalização. Na perspectiva dos estudos sobre aquisição, trata-se de assimetrias que têm sido atribuídas a efeitos de intervenção: as crianças têm dificuldade em processar estruturas nas quais há um argumento que se interpõe entre um constituinte movido e a sua posição de origem (Friedmann, Belletti & Rizzi, 2009; Cerejeira, 2009; Adani *et al.*, 2010; Abalada, 2011; Costa, Grillo & Lobo, 2012):

(2) Que gato é que **o cão** mordeu \_\_\_\_ ?

Vários trabalhos têm procurado determinar a natureza exata da intervenção. Friedmann, Belletti & Rizzi (2009) propuseram que o facto de o constituinte movido e de o constituinte interveniente conterem ambos uma restrição lexical<sup>1</sup> é o que desencadeia os efeitos de intervenção. A presença da restrição lexical em ambos implica a existência de uma semelhança estrutural que é problemática para as crianças. Esta proposta explica naturalmente a existência de uma assimetria na compreensão de relativas de objeto com antecedente e de relativas de objeto livres: estas últimas não colocam problemas de compreensão às crianças, uma vez que o constituinte relativo não contém uma restrição lexical. Também a assimetria entre relativas de objeto com sujeito lexical e relativas de objeto com sujeito nulo é facilmente explicada: como o sujeito nulo não pode estar na origem de efeitos de intervenção, as relativas de objeto com sujeitos nulos não colocam problemas de compreensão às crianças (Friedmann, Belletti & Rizzi, 2009). Assim, a ideia fundamental é que uma cadeia é complexa quando cruza um interveniente, i.e., um constituinte que partilha algumas propriedades<sup>2</sup> com as posições implicadas na relação formada pelo movimento (Grillo, 2008).

Na verdade, a reflexão sobre a natureza da intervenção ainda está em curso. Na perspectiva de Friedmann, Belletti & Rizzi (2009), os efeitos de intervenção são o resultado de uma restrição de natureza gramatical que caracteriza o sistema da criança, na medida em que a gramática da criança obedeceria a uma versão mais rígida da Minimalidade Relativizada. Outros autores sugerem que as estruturas que apresentam efeitos de intervenção implicam mais custos em termos de processamento (Costa, Grillo & Lobo, 2012; Lobo, Santos & Soares, submetido), sugestão que permite mais facilmente explicar a razão pela qual os mesmos efeitos de intervenção são também observáveis, embora de forma mais ténue, no comportamento linguístico dos adultos.

Este artigo tem como objetivo central a apresentação e a análise de resultados obtidos através da aplicação de um teste de compreensão de estruturas clivadas a crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos<sup>3</sup>. Tomando como ponto de partida os diversos resultados provenientes dos estudos da produção, verificaremos se estes podem ser confirmados pelos dados da compreensão. Interessar-nos-emos especificamente pela questão da intervenção. Assim, começaremos por ver se é possível identificarmos diferentes tipos de assimetrias na compreensão de estruturas clivadas e se há efeitos de intervenção que condicionem a compreensão de clivadas.

O PE é uma língua que dispõe de vários tipos de estruturas clivadas, com propriedades discursivas diferentes (Casteleiro, 1979; Ambar, 1999, Costa & Duarte, 2001, e.o). No presente trabalho, observaremos mais detalhadamente três tipos de clivadas (cf. (3), em que apresentamos exemplos das diferentes estruturas, bem como uma representação simplificada da derivação a que correspondem):

(3) a. O cão é que mordeu o gato.	<i>Clivada de é que</i>
b. Foi o cão que mordeu o gato.	<i>Clivada canónica</i>
c. Quem mordeu o gato foi o cão.	<i>Pseudoclivada</i>

<sup>1</sup> Considera-se que um constituinte inclui uma restrição lexical sempre que apresentar um NP realizado foneticamente. Em (i), o objeto e o sujeito incluem uma restrição lexical. Em (ii), só o objeto inclui uma restrição lexical, visto que o sujeito é nulo. Assim, em (ii) não se esperam efeitos de intervenção:

(i) Que livro leu a Maria?  
(ii) Que livro leste?

<sup>2</sup> Alguns autores sugerem que apenas traços que desencadeiam movimento sintático funcionam como intervenientes (cf. Belletti *et al.* 2012).

<sup>3</sup> Vaz (2012) testa a compreensão de exaustividade numa série de estruturas, incluindo pseudoclivadas de sujeito e de objeto. A autora verifica que a compreensão de exaustividade obtém resultados ligeiramente melhores em pseudoclivadas de sujeito do que em pseudoclivadas de objeto.

- a. ' [CP **O cão** [é que [~~o cão~~ mordeu o gato]]]  
 b. ' [CP...Foi [CP **o cão** [que ~~o cão~~ mordeu o gato]]]  
 c. ' [CP[CP **Quem** [~~quem~~ mordeu o gato] foi [o cão ]]

As construções clivadas em (3) têm estruturas sintáticas distintas (Lobo, 2006; Soares, 2006), que vamos evocar de forma sucinta. Suponhamos que as clivadas canónicas correspondem a estruturas bioracionais, nas quais ocorre movimento A-barra do constituinte clivado para uma posição periférica da frase encaixada (Soares, 2006; Lobo, 2006):

- (4) a. [CP... É [CP **o cão** [que ~~o cão~~ está a morder o gato]]]  
 b. [CP... É [CP **o gato** [que **o cão** está a morder ~~o gato~~ ]]

Na clivada canónica de objeto há efeitos de intervenção, uma vez que o sujeito se constitui como elemento interveniente relativamente à cadeia formada por movimento. Note-se que tanto o sujeito como o objeto clivado integram uma restrição lexical.

As clivadas de *é que* apresentam efeitos de intervenção idênticos, apesar de terem uma estrutura sintática distinta. Vamos pressupor que estas clivadas correspondem a frases simples para cuja periferia se desloca o constituinte clivado (Soares, 2006):

- (5) a. [CP **O cão** [é que [~~o cão~~ está a morder o gato]]]  
 b. [CP **O gato** [é que [ **o cão** está a morder ~~o gato~~ ]]

Tal como nas clivadas canónicas, o sujeito em (5b), clivada de objeto, é um elemento interveniente. As clivadas de sujeito, por seu turno, não estão associadas a efeitos de intervenção (cf. (4a), (5a)).

Por fim, vamos também considerar as pseudoclivadas, que têm a particularidade de apresentar um constituinte-wh sem restrição lexical (como *quem*, *o que*). Análises sintáticas diferentes foram propostas para as pseudoclivadas. Costa & Duarte (2001) consideram que correspondem a uma estrutura identificacional. Dikken *et al.* (2000) e Barbosa (2013) sugerem que as pseudoclivadas correspondem a uma estrutura bioracional com uma oração-wh em posição inicial, seguida de uma oração elíptica depois do verbo copulativo. De qualquer modo, estabelece-se uma relação entre o constituinte-wh e o constituinte clivado, que se encontra em posição final, quer nas pseudoclivadas de sujeito (6a), quer nas pseudoclivadas de objeto (6b).

- (6) a. [CP[CP **Quem** [~~quem~~ está a morder o gato] é [o cão ]]  
 b. [CP[CP **Quem** [ o cão está a morder ~~quem~~ ] é [o gato ]]

Assim, se seguirmos a proposta de Friedmann, Belletti & Rizzi (2009), mesmo nas pseudoclivadas de objeto (6b), o movimento do sujeito não deverá desencadear efeitos de intervenção, visto que o elemento movido, i.e., o constituinte-wh, não apresenta uma restrição lexical.

Para testarmos a compreensão destas diferentes estruturas clivadas por crianças de 4 a 5 anos, realizámos um estudo experimental que consistiu numa tarefa de avaliação da adequação de frases a imagens. Tendo em conta as propriedades das clivadas que mencionámos acima e os resultados dos trabalhos sobre estruturas que envolvem movimento A-barra, testaremos a seguinte hipótese:

(7) A compreensão de clivadas em que se esperam efeitos de intervenção é mais difícil e mais tardia do que a compreensão de clivadas nas quais não se esperam efeitos de intervenção.

Note-se que, para que efeitos de intervenção sejam desencadeados numa estrutura clivada, é necessário que duas condições se verifiquem: (i) um constituinte intervém entre o constituinte movido para uma posição periférica da frase e a sua posição de origem, (ii) o interveniente e o constituinte movido integram uma restrição lexical.

Se a hipótese em (7) estiver correta, esperamos que os resultados do estudo experimental revelem uma assimetria na compreensão de clivadas de objeto e de sujeito, quer se trate de clivadas canónicas,

quer se trate de clivadas de *é que*. Como as clivadas de sujeito não apresentam efeitos de intervenção, espera-se que a sua compreensão seja mais bem sucedida. Por outro lado, se a hipótese em (7) se confirmar e se a estrutura que corresponde a uma pseudoclivada for a que apresentamos em (6), esperamos encontrar uma assimetria entre clivadas canónicas e clivadas de *é que*, por um lado, e pseudoclivadas, por outro. Na verdade, como já foi observado, nas pseudoclivadas não se esperam efeitos de intervenção (cf. (6)), uma vez que o constituinte-wh movido para a periferia não apresenta uma restrição lexical. Assim, a compreensão de pseudoclivadas de sujeito e a compreensão de pseudoclivadas de objecto não deverá apresentar contrastes.

Finalmente, há ainda outro aspeto que deve merecer a nossa atenção. O estudo dos resultados respeitantes às pseudoclivadas poderá contribuir para uma melhor compreensão da natureza dos efeitos de intervenção que caracterizam as estruturas clivadas em geral. Como dissemos, não esperamos que as pseudoclivadas apresentem efeitos de intervenção. Contudo, numa pseudoclivada, é necessário que se estabeleça uma relação entre o constituinte-wh em posição inicial e o constituinte clivado, que é realizado na posição final. Nos exemplos em (6), verificamos que, entre estes dois constituintes, ocorre um DP que integra uma restrição lexical e que pode, por si só, ser um elemento interveniente. Se apenas for pertinente caracterizar a noção de intervenção como em Friedemann, Belletti & Rizzi (2009), i.e., em termos de intervenção que se manifesta em relação a uma cadeia formada por movimento, não se esperam dificuldades acrescidas na compreensão de qualquer tipo de pseudoclivadas, nem dificuldades no estabelecimento da relação entre o elemento-wh e o constituinte clivado. Se tal relação constituir um obstáculo à compreensão de pseudoclivadas, será possivelmente necessário rever a caracterização da noção de intervenção.

É nosso objetivo contribuir para a compreensão do processo de aquisição das clivadas e refletir sobre os aspetos que determinam o desenvolvimento destas estruturas no sistema da criança. Na secção 2, apresentaremos a metodologia utilizada no estudo experimental que realizámos, bem como os principais resultados obtidos. Pretende-se também ver se os dados da compreensão confirmam os resultados descritos para a produção que já estão disponíveis noutros trabalhos ou se de algum modo põem em evidência contrastes que apontem para a necessidade de diferenciar processos subjacentes à aquisição das duas modalidades. Na secção 3, discutiremos os resultados obtidos e na secção 4 sintetizaremos as conclusões.

## 2. Estudo experimental

### 2.1. Metodologia

Para testarmos a compreensão de clivadas canónicas, clivadas de *é que* e pseudoclivadas, realizámos um estudo experimental. Pediu-se às crianças que efetuassem uma tarefa de juízo de valor de verdade, a partir da avaliação de imagens<sup>4</sup>. Assim, as crianças foram convidadas a olhar para imagens e a dizer se um fantoche (um sapo) as descrevia corretamente. Cada item de teste era constituído por um par de imagens que mostrava uma situação simétrica. Cada imagem foi descrita corretamente à criança por um adulto através de uma frase declarativa simples. Depois de a criança ter acesso à descrição correta de cada imagem, o boneco descrevia uma das imagens (usando uma estrutura clivada), correta ou incorretamente. Solicitava-se então à criança que avaliasse a adequação da frase perante a imagem.

As duas imagens da figura 1, associadas ao item de teste em (8), constituem um exemplo que visa testar a compreensão de uma clivada canónica de sujeito.

<sup>4</sup> Agradecemos reconhecidamente a Naama Friedmann a cedência das imagens para o teste.



	
<p align="center"><b>Imagem 1</b></p> <p>Investigador: Aqui, o macaco está a abraçar o menino.</p>	<p align="center"><b>Imagem 2</b></p> <p>Investigador: Aqui, o menino está a abraçar o macaco.</p>

Figura 1. Imagens associadas ao item de teste em (8).

(8) Aqui, é o menino que está a abraçar o macaco (o fantoche aponta para imagem 1).

Resposta esperada: Falso

As duas imagens da figura 2, associadas ao item de teste em (9), exemplificam um caso que visa testar a compreensão de uma pseudoclivada de objeto:

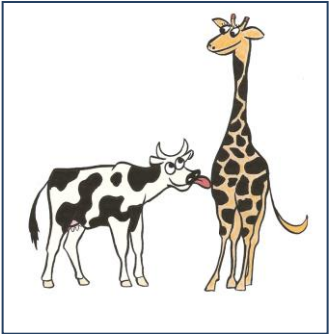
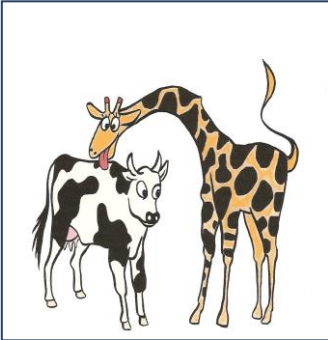
	
<p align="center"><b>Imagem 1</b></p> <p>Investigador: Aqui, a vaca está a lamber a girafa.</p>	<p align="center"><b>Imagem 2</b></p> <p>Investigador: Aqui, a girafa está a lamber a vaca.</p>

Figura 2. Imagens associadas ao item de teste em (9).

(9) Aqui, quem a girafa lambeu foi a vaca (o fantoche aponta para a imagem 1).

Resposta esperada: Falso.

O teste compreendia seis condições: i) clivada canónica de sujeito (CCS), ii) clivada canónica de objeto (CCO), iii) clivada de *é que* de sujeito (Éque\_S), iv) clivada de *é que* de objeto (Éque\_O), v)

pseudoclivada de sujeito (PseudoC\_S), vi) pseudoclivada de objeto (PseudoC\_O). Para cada condição construíram-se seis itens de teste, quatro falsos e dois verdadeiros. Também foram incluídos seis itens de controlo, que correspondiam a frases declarativas simples. O teste consistia, assim, num total de 42 itens, ordenados aleatoriamente.

Participaram no estudo um total de 40 crianças monolíngues de língua materna portuguesa que frequentavam infantários da zona da grande Lisboa<sup>5</sup> e um grupo de controlo, composto por 20 adultos, sem formação em linguística. Na tabela 1, estão indicados os intervalos de idade e a idade média para cada grupo. As respostas foram gravadas e anotadas durante a sessão, tendo sido transcritas *a posteriori*, e os resultados codificados.

Grupo	N	Intervalo de idades	Idade média
4 anos	20	4;0 - 4;8	4;2
5 anos	20	5;0 - 5;9	5;3
adultos	20	18 - 38	24

Tabela 1. Sujeitos

### 2.1.1. Resultados

Na figura 3, apresentamos os resultados globais obtidos em cada condição: as colunas representam as médias das proporções de acerto individuais. Com recurso a modelos lineares generalizados mistos (GLMM), identificámos como variáveis com valor preditivo ( $p < .001$ ) as variáveis grupo etário (grupo: 4 anos, 5 anos, adulto), tipo de clivada, extração de sujeito vs. objeto.<sup>6</sup>

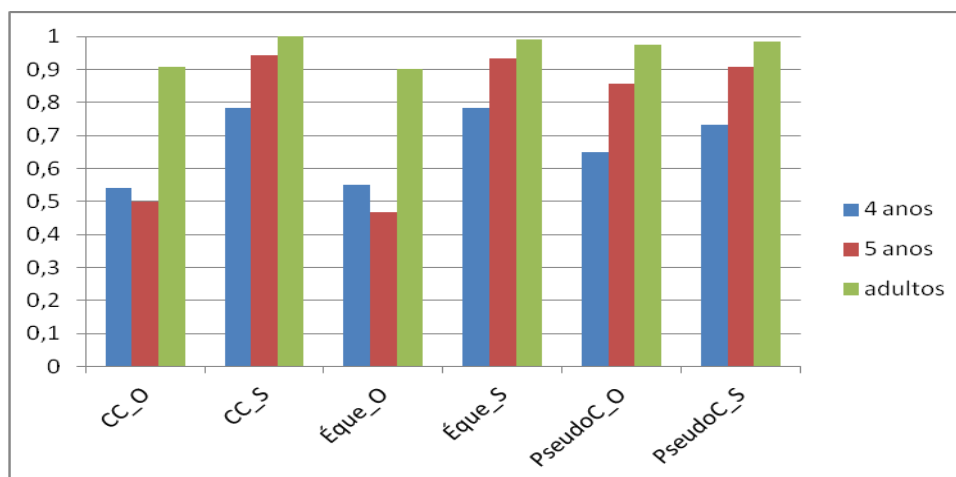


Figura 3. Resultados

<sup>5</sup> Agradecemos a disponibilidade para recolha de dados aos infantários: Pequeneda Feliz – Camarate; Escola dos Lápis - Santa Iria da Azóia; Centro Social para o desenvolvimento do Sobralinho.

<sup>6</sup> O modelo foi desenvolvido com recurso à biblioteca lme4, desenvolvida para o software R (R Core Team, 2014) e está ainda a ser aperfeiçoado. Agradecemos a Maria João Janeiro a colaboração nesta tarefa.

Os resultados puseram em evidência vários aspetos. Em primeiro lugar, há uma clara assimetria entre clivadas de sujeito e clivadas de objeto, se considerarmos apenas as clivadas canónicas e as clivadas de *é que* (temos, portanto, desde logo, uma assimetria entre clivadas de *é que* e canónicas, por um lado, e pseudoclivadas, por outro, a que iremos voltar). No caso destes dois tipos de clivadas, a proporção de respostas corretas nas duas condições de sujeito é superior à proporção de respostas corretas nas condições de objeto. Esta assimetria observa-se sobretudo nas respostas das crianças, mas também, em menor grau, nas respostas dos adultos. Esta assimetria confirma os resultados obtidos para a produção (Lobo, Santos & Soares, submetido) e confirma a existência de efeitos de intervenção esperados de acordo com a análise apresentada na secção 1.

O facto de esta assimetria se observar também no caso das respostas dos adultos sugere que os efeitos de intervenção criam problemas de processamento em clivadas (Lobo, Santos & Soares, submetido). No entanto, é de notar o diferente grau de dificuldade criado por clivadas de *é que* e clivadas canónicas de objeto nos grupos de crianças vs. o grupo de controlo. Essa diferença é clara quando se observam as médias de acerto na figura 3, mas ainda mais clara quando se observa a muito maior dispersão de resultados nos grupos infantis, visível nos diagramas em caixa de bigodes apresentados nas figuras 4 e 5.

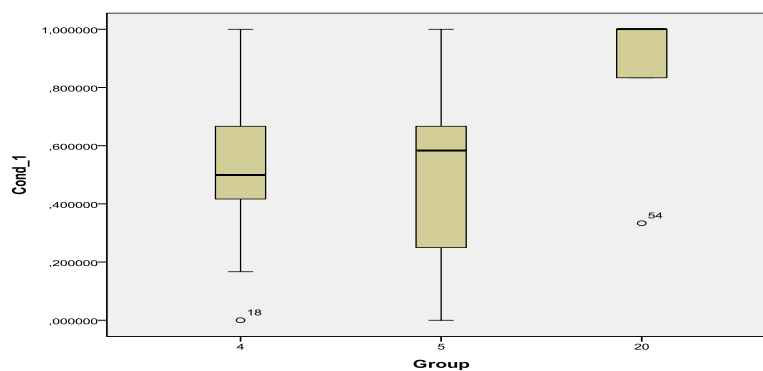


Figura 4. Clivadas canónicas de objeto.

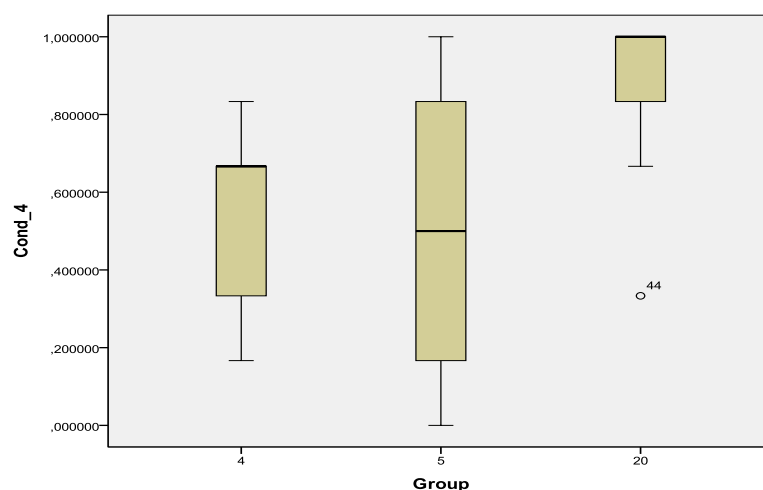


Figura 5. Clivadas de *é que* de objeto.

Finalmente, as respostas dadas nas condições que visavam testar pseudoclivadas mostram que a assimetria sujeito / objeto não se manifesta da mesma forma neste tipo de estruturas. No caso das pseudoclivadas, os resultados nas estruturas que envolvem extração de objeto são muito semelhantes aos resultados obtidos nas estruturas que envolvem extração do sujeito, apontando para uma ausência de assimetria, como aliás se esperava de acordo com a derivação que aqui assumimos para esta estrutura (secção 1).

No entanto, quer nas pseudoclivadas de sujeito quer nas pseudoclivadas de objeto, observamos um efeito da idade, com melhores desempenhos no grupo dos 5 anos do que no grupo dos 4 anos e um desempenho próximo dos 100% no caso do grupo de controlo. Isso é também visível nos diagramas em caixa de bigodes apresentados na figura 6 (pseudoclivadas de sujeito) e na figura 7 (pseudoclivadas de objeto).

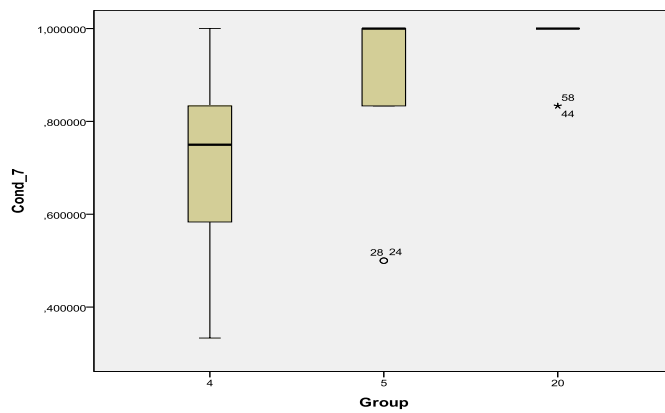


Figura 6. Pseudoclivadas de sujeito

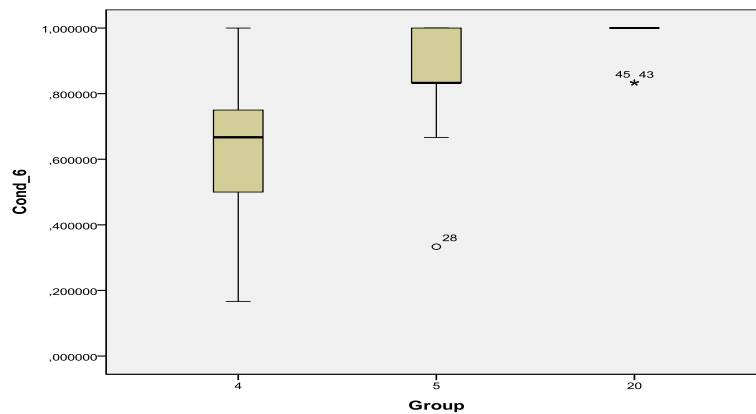


Figura 7. Pseudoclivadas de objeto



### 3. Discussão

Os resultados apresentados na secção anterior confirmam resultados encontrados para outras estruturas: só nas estruturas em que há restrição lexical do constituinte movido e intervenção de um constituinte foram encontradas dificuldades. Assim, só nas clivadas canónicas e nas clivadas de *é que* se podem notar assimetrias significativas entre as clivadas de sujeito e de objeto. Nas pseudoclivadas, há uma ligeira diferença entre clivadas de sujeito e de objeto, mas menos acentuada, o que confirma resultados de Costa, Grillo e Lobo (2012).

Assim, os dados da compreensão vão no mesmo sentido das assimetrias sujeito/objeto encontradas na produção. É plausível assumir que as estruturas que não envolvem intervenção estão disponíveis mais cedo e são mais facilmente compreendidas. Para além disso, o facto de também os adultos terem sido sensíveis a essa assimetria mostra que o problema não é atribuível ao desenvolvimento gramatical num sentido estrito. Deve ser antes entendido como uma restrição de processamento, a que alguns adultos também são sensíveis, tal como proposto em Costa, Grillo e Lobo (2012), e Lobo, Santos e Soares (submetido) relativamente a dados da produção.

Verificamos ainda que as pseudoclivadas de sujeito não foram mais difíceis do que as clivadas canónicas de sujeito ou do que as clivadas de *é que* de sujeito. Apesar de estas pseudoclivadas implicarem o estabelecimento de uma dependência entre o constituinte-wh e o constituinte clivado em posição final, com possível intervenção linear do objeto, elas não induziram efeitos de intervenção. Confirma-se, portanto, a hipótese de que a intervenção só se verifica numa situação em que haja c-comando do interveniente (relativamente a uma cadeia formada por movimento), mas não é extensível a uma configuração em que não há c-comando de um interveniente linear.

Ao contrário do que se verifica na produção (Lobo, Santos e Soares, 2012), em que as clivadas de *é que* parecem ser preferidas relativamente a outros tipos de clivadas, na compreensão não foi possível observar uma assimetria entre clivadas canónicas e clivadas de *é que*. Em ambas as estruturas, obtiveram-se resultados semelhantes. Na realidade, diferenças entre produção e compreensão foram também encontradas para outras estruturas, como orações relativas (Costa, Lobo e Silva, 2011) e interrogativas (Baião, 2013). Assim, não se esperam exatamente os mesmos tipos de resultados na compreensão e não é surpreendente que produção e compreensão nem sempre caminhem a par.

Finalmente, é possível observar que há efeitos de desenvolvimento dos 4 para os 5 anos em todos os tipos de clivadas, observáveis na comparação dos resultados obtidos nos três tipos de clivadas de sujeito: aos 4 anos, a taxa global de acerto é sempre inferior a 80%; aos 5 anos, é sempre superior a 90%. Estes efeitos não são imediatamente observáveis nas clivadas de objeto, em que os efeitos de intervenção são notórios ainda aos 5 anos e se sobrepõem aos efeitos de um eventual desenvolvimento no domínio da estrutura.

### 4. Conclusão

Em síntese, mostrámos que a compreensão de diferentes tipos de construções clivadas confirma resultados obtidos para outras estruturas que envolvem movimento A-barra, o que aponta para efeitos robustos que se manifestam de forma semelhante no desenvolvimento de diferentes estruturas. Observámos assimetrias na compreensão de clivadas canónicas e clivadas de *é que* de sujeito, por um lado, e de objeto, por outro lado, atribuíveis a efeitos de intervenção. Estes efeitos verificam-se numa configuração em que um constituinte externo a uma cadeia resultante de movimento A-barra de um constituinte com restrição lexical c-comanda a cauda dessa cadeia. Os mesmos efeitos não se observaram nas pseudoclivadas. Assim, no caso das pseudoclivadas, estruturas com movimento de constituinte-wh sujeito e estruturas com movimento de constituinte-wh objeto estão na origem de resultados semelhantes. Tal facto explica-se se estas construções corresponderem a configurações sintáticas nas quais não se esperam efeitos de intervenção. Para além disso, o facto de as pseudoclivadas de sujeito não terem sido mais difíceis do que os outros tipos de clivadas de sujeito (canónicas e de *é que*) permitiu mostrar que a relação entre o constituinte-wh inicial e o DP clivado final não cria efeitos de intervenção e não é,

portanto, fator de complexidade. Isto confirma a ideia de que a “intervenção” acarreta um custo de processamento linguístico, dependente de determinadas configurações estruturais. Finalmente, o facto de também os adultos terem sido sensíveis a estruturas com intervenção mostra que não se trata de um problema de desenvolvimento gramatical, mas sim de um custo de processamento associado a determinadas configurações estruturais.

### Referências

- Abalada, Silvana (2011) *Aquisição de Estruturas com Constituintes nas Periferias Esquerda e Direita da Frase em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado, FLUL.
- Adani, Flavia, Heather K.J. van der Lely, Matteo Forgiarini & Maria-Teresa Guasti (2010) Grammatical feature dissimilarities make relative clauses easier: A comprehension study with Italian children. *Lingua* 120, pp. 2148–2166.
- Ambar, Manuela (1999) Aspects of the syntax of focus in Portuguese. In G. Rebuschi e L. Tuller (eds.) *The grammar of focus*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 23-53.
- Barbosa, Pilar (2013) As construções pseudoclivadas: perguntas e respostas. In F. Silva, I. Falé e I. Pereira (orgs) *XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*. Coimbra: APL, pp. 131-148,
- Belletti, Adriana, Naama Friedmann, Dominique Brunato & Luigi Rizzi (2012). Does gender make a difference? Comparing the effect of gender on children’s comprehension of relative clauses in Hebrew and Italian. *Lingua* 122.10, pp. 1053-1069.
- Casteleiro, João Malaca (1979) Sintaxe e Semântica das Construções Enfáticas com “é que”. *Boletim de Filologia* XXV.
- Cerejeira, Joana (2009) *Aquisição de interrogativas de sujeito e de objecto em Português Europeu*. Dissertação de mestrado, FCSH-UNL.
- Costa, João & Inês Duarte (2001) Minimizando a Estrutura: uma Análise Unificada das Construções de Clivagem em Português. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 627-638.
- Costa, João, Nino Grillo & Maria Lobo (2012) Minimality beyond lexical restriction: Processing and acquisition of headed and free wh-dependencies in European Portuguese. *Revue Roumaine de Linguistique* LVII 2, pp. 143-160.
- Costa, João, Maria Lobo & Carolina Silva (2011) Subject-object asymmetries in the acquisition of Portuguese relative clauses: adults vs. children. *Lingua* 121.6, pp. 987-1158.
- Dikken, Marcel den, André Meinunger & C. Wilder (2000). Pseudoclefts and ellipsis. *Studia Linguistica* 54, pp. 41–89.
- Friedmann, Naama, Adriana Belletti & Luigi Rizzi (2009) Relativized relatives: Types of intervention in the acquisition of A-bar dependencies. *Lingua* 119, pp. 67-88.
- Grillo, Nino (2008) *Generalized minimality: syntactic underspecification in Broca’s aphasia*. Dissertação de doutoramento. LOT, Universidade de Utrecht.
- Lobo, Maria (2006) Assimetrias em construções de clivagem do português: movimento vs. geração na base. In *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*, Lisboa: APL/Colibri, pp. 457-473.
- Lobo, Maria, Ana Lúcia Santos & Carla Soares (2012) Aquisição de estruturas clivadas no português europeu: produção espontânea e induzida. In A. Costa, C. Flores e N. Alexandre (orgs.) *Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 319-339
- Lobo, Maria, Ana Lúcia Santos & Carla Soares (submetido) Syntactic structure and information structure: the acquisition of Portuguese clefts and fragment answers. Ms.
- R Core Team (2014). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL
- Soares, Carla (2006) *La syntaxe de la périphérie gauche en portugais européen et son acquisition*. Dissertação de doutoramento. Univ. Paris 8
- Vaz, Stéphanie Dias (2012) *Aquisição de Exaustividade em Crianças Falantes de Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. FCSH-UNL